

## **AFINAL UMA DECISÃO IDEOLÓGICA**

Luiz Carlos Bresser-Pereira

*Isto É-Senhor, 20/12/89*

Quando esta campanha começou, há seis meses atrás aproximadamente, o critério ideológico foi submergido pelo populismo sem freios da direita, que através de seus três candidatos - Collor, Maluf e Afif -, procurava de todas as maneiras evitar a pecha de serem conservadores. Collor ia além. Fugia de todos os temas claramente ideológicos e queria, a todo custo, evitar ser classificado como membro da direita. Agora, quando estamos a alguns dias do segundo turno, o critério ideológico recobra toda a sua força. Collor é o candidato da direita, Lula, da esquerda. Collor desiste do disfarce e acusa Lula de radical e "comunista", que levará o Brasil "a um banho de sangue". Lula assume sua posição de esquerda, mas sublinha o caráter moderado e democrático de sua proposta, ao mesmo tempo que acusa Collor de comprometido com os interesses da oligarquia e do grande capital monopolista neste país.

As acusações de Collor são infundadas. Lula e os setores mais responsáveis de seu partido - que são dominantes no PT - sabem muito bem que o capitalismo está sólido no Brasil, que é possível a um candidato ser eleito sem o voto dos empresários, mas é impossível governar sem eles. Lula só terá condições de governar se for capaz de negociar e de estabelecer um grande acordo nacional. E ele já deixou muito claro que este será um dos objetivos básicos de seu governo. Já as acusações de Lula estão longe de serem absurdas. Collor, de fato, tem o apoio dos setores mais arcaicos e fisiológicos deste país. E neste final da campanha decidiu assumir sua vinculação com a direita.

Nestes termos, os eleitores minimamente conscientes farão no dia 17 de dezembro uma opção entre a esquerda e a direita. Poderão, naturalmente, tentar adotar um outro critério. Um empresário amigo meu, não querendo assumir sua posição de esquerda, disse-me que votaria no candidato do PT, "porque Lula é honesto". Outros dirão que votam neste ou naquele candidato "porque é mais competente", "porque seu programa é melhor", "porque é mais confiável", "porque conhece melhor o Brasil", "porque é mais sereno", mas não tenhamos dúvida: o critério básico será essencialmente ideológico. Quem for direita vota em Collor, quem for de esquerda vota em Lula.

Mas e quem for "de centro" como fica? A pergunta pode parecer relevante, mas na verdade não é. Não existem pessoas de centro. Pode-se ser de extrema-esquerda, de esquerda e de centro-esquerda, ou então pode-se ser de extrema direita, de direita e de centro-direita. De centro não é possível ser. Quem se auto-denomina "de centro" geralmente está escondendo, inclusive de si próprio, seu caráter conservador e sua inclinação real para a direita. O grupo auto-denominado "Centrão", que se formou durante a Constituinte, é apenas a confirmação radical deste fato indiscutível.

A extrema-esquerda e a extrema-direita são por definição antidemocráticas. O PT é um partido de esquerda, o PSDB, de centro-esquerda. No PT existem setores minoritários de extrema-direita, que serão marginalizados no caso da eleição de Lula. No PSDB existem setores minoritários de centro-direita, que exatamente por essa razão não estão votando em Lula apesar do apoio expresso que o partido está lhe dando. O PSDB é um partido social-democrata e portanto de centro-esquerda por opção, enquanto que o PT é um partido que tende a ser social-democrata à medida que se aproxima do governo.

O Brasil tem sido governado pela direita desde 1964. E os resultados, depois de alguns sucessos, têm sido lastimáveis. Em 1961 a esquerda chegou ao poder, com João Goulart, devido à possibilidade absurda de o candidato a vice-presidente poder ser eleito separadamente do candidato a presidente. Por isso, porque afinal lhe faltava legitimidade, Goulart não conseguiu governar. Agora a situação se inverte. Todo o Brasil deseja mudança. Se fomos governados pela direita durante tanto tempo, agora chegou a vez da esquerda. Mais tarde, de acordo com o princípio da alternância de poderes, a direita deverá voltar ao poder.

Neste quadro está claro que Collor, caso eleito, terá enormes dificuldades de governar. Ele representa quem a grande maioria da população - inclusive a grande maioria de seus próprios eleitores muito pobres e mal-informados - deseja ver fora do governo. Já Lula, exatamente porque sua candidatura não se baseia na desinformação dos eleitores, porque ela responde a uma aspiração básica da sociedade brasileira no presente momento, terá condições muito melhores para governar.